

O SENSÍVEL E O VISÍVEL: SONHO, MEMÓRIA E LEMBRANÇA EM PESSOAS PRIVADAS DO SENTIDO DA VISÃO

José Carlos Silveira Duarte

Doutorando em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc /UNEB -
PPGED/UESB

Professor de Jornalismo da UESB – *Campus* de Vitória da Conquista
jose.duarte@uesb.edu.br

Resumo: Este trabalho, além de uma revisão bibliográfica a partir da perspectiva da fenomenologia, da abordagem cognitiva e da vertente histórico-cultural, buscou compreender como pessoas privadas do sentido da visão percebem a luz e a cor, como se realiza a lembrança e a recordação, como sonham, como se relacionam com seus pares, como aprendem a utilizar os demais sentidos para conquistar sua autonomia e superar a deficiência. Na busca de respostas, foram entrevistadas dez pessoas pertencentes à Associação Conquistense de Integração do Deficiente, entidade com 27 anos de existência. Apenas um dos entrevistados teve cegueira congênita, os demais sofreram algum tipo de degeneração ocular. O postulado de que a cor é uma qualidade do objeto foi contestada pelas declarações que indicaram serem as formas e as cores elementos da consciência. Os entrevistados demonstraram não ter problemas de ordem simbólica e comunicativa, utilizam suas habilidades sensoriais para se situar no mundo e percebem a linguagem como um processo cognitivo muito importante. Os depoentes indicaram enfaticamente o processo de superação das limitações através do fortalecimento da vontade e das determinações mentais, uma vez que a deficiência está apenas no corpo e não na mente. O ineditismo desta abordagem parece residir na inquirição de como sonham os cegos. As palavras chave na conformação dos sonhos, das lembranças e da memória parecem ser imaginação e imagens mentais, ver através da imaginação, ver através de analogias, de conceitos, e de sua experiência social. Os depoentes se entusiasmaram mais em falar dos sonhos do que das lembranças, talvez porque nos sonhos eles podem realizar seu grande sonho: voltar a enxergar, mesmo que seja pela imaginação, pelas imagens lembradas ou imaginadas.

Palavras chave: sonhos, memórias, lembranças

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou aporte teórico na fenomenologia, na abordagem cognitiva e na vertente histórico-cultural. Na perspectiva da fenomenologia, a cegueira é um tipo de deficiência sensorial que tem como característica central a carência ou comprometimento de um dos canais sensoriais de aquisição da informação. A perspectiva histórico-cultural propõe que se supere qualquer noção da pessoa com deficiência em referência ao pressuposto da normalidade e credita à interação social e à mediação simbólica da linguagem a tarefa de incluir esta pessoa na coletividade. Para a abordagem cognitiva a memória sensorial é a principal fonte de aprendizagem para indivíduos cegos, sua apreensão do mundo se dá segundo o uso de suas capacidades sensoriais e mediante a aprendizagem de utilizá-las cada vez melhor, articulada com a dimensão da linguagem.

Na perspectiva fenomenológica, a carência do sentido visual tem consequências sobre a percepção da realidade, a movimentação no espaço e a interação com outras pessoas. Merleau Ponty entende por sensação a maneira como a pessoa é afetada e a experiência de um estado em si mesmo. Ver é obter cores ou luzes, ouvir é obter sons, sentir é obter qualidades, e para saber o que é sentir não basta ter visto o vermelho ou ouvido um Lá. O vermelho e o verde não são sensações, são sensíveis, e a qualidade não é um elemento da consciência, é uma propriedade do objeto. O visível é o que se aprende com os olhos, o sensível é o que se aprende nos sentidos. A destruição da função visual seguiria uma mesma lei: primeiramente todas as cores são atingidas e perdem sua saturação, em seguida o espectro reduz-se a quatro e logo a duas cores; finalmente chega-se a um estado monocromático em cinza.

Paul Ricoeur constatou, ao tratar da fenomenologia da memória, que duas perguntas precisam ser respondidas: De que há lembrança? De quem é a memória? Se toda consciência é consciência de alguma coisa, lembrar-se é ter lembrança ou ir em busca de alguma lembrança, que pode aparecer passivamente, como indesejável, ou como objeto de uma busca, uma recordação. Lembrança aparece como uma espécie de imagem e recordação como uma empreitada de busca dessa imagem. Ricoeur afirma que temos uma memória corporal, uma vez que no corpo estão inscritos os acontecimentos, as provações, as doenças, as feridas, os traumatismos do passado, o que leva esta memória a se concentrar em incidentes precisos. A memória corporal é povoada de lembranças e o momento de recordação é, então, o do reconhecimento. Pierre Nora assinala que os lugares da memória atuam como referencial para a ocorrência de lembranças e para a relação entre memória e história.

Américo salienta que a abordagem cognitiva vê a aprendizagem como um processo mental ativo, em que a lembrança do conteúdo armazenado e o uso deste conhecimento fazem com que o sujeito possa dominá-lo e manipulá-lo quando necessário. A memória é um processo interno que possibilita acessar nossas bagagens de conhecimento e informações depositados em vários compartimentos cerebrais e possibilita ao homem manter conexão e recuperar fatos que já estiveram disponíveis em sua memória ativa ou recente e acabaram caindo em processo de esquecimento. No mecanismo de processamento da memória pode-se evocar o conhecimento passado e torná-lo atual ou presente, num processo que pode se denominar recordação dos fatos armazenados. A memória tem sido entendida como a faculdade de lembrar, reter impressões, ideias, informações, conceitos ou acontecimentos vividos anteriormente, decorrentes de um processo de aprendizagem momentânea e constante. As informações armazenadas no cérebro são o alicerce para o surgimento de outros conhecimentos, que proporcionam aprender, lembrar e até esquecer. Cabe ao indivíduo exercitar e utilizar constantemente seus mecanismos internos. A memória tem papel de destaque como mecanismo interno de desenvolvimento da capacidade intelectual, é a porta de entrada para informações circundantes no mundo e a chave de entrada é a memória sensorial.

Por sua vez, a memória sensorial é a chave para a entrada do aprendizado, para o acesso ao conhecimento, uma vez que a captura das informações do contexto que nos rodeia se dá mediante nossas capacidades sensoriais. A memória sensorial abarca as memórias visual, auditiva, tátil, olfativa e cinestésica. Daí são transportadas à memória de curta duração (com limite de 5 a 20 segundos), para serem reformuladas, resultando em dados que podem ser armazenados na memória de longa duração.

O sentido da visão proporciona ao ser humano um mundo atraente e lhe transmite muitas informações ao mesmo tempo. Na falta da visão, será necessário o conhecimento de outras vias para o armazenamento e manutenção de fatos importantes para o seu desenvolvimento cognitivo. A memória sensorial é a principal fonte de aprendizagem para indivíduos cegos, sustenta Américo. O canal de acesso à memória sensorial para o cego é evidenciado pela percepção sensorial, sua apreensão do mundo se dá segundo o uso de suas capacidades sensoriais e mediante a aprendizagem de utilizá-las cada vez melhor. A memória é para o cego como os olhos são para o vidente e imagem e representação mental são o prelúdio da imagem visual de objetos, reproduzidos na memória. É pelos indicativos

fornecidos pela memória que o sujeito pode apreender as diferentes informações existentes em vários contextos sociais e intelectuais, objetivando a independência e a superação das dificuldades.

Na ausência da memória visual como fonte de informação e de aprendizagem a memória auditiva assume a primazia, afirma Américo. Pesquisas demonstram que a deficiência visual não interfere no desenvolvimento do conhecimento espacial, na capacidade de memorizar um percurso, quando os outros sentidos estão sadios. Esses fatores ajudam na sua locomoção ou independência pessoal por meio da percepção dos detalhes e elementos que compõem um determinado ambiente social. Para que se possa chegar a uma discriminação apurada do ambiente o deficiente visual necessita, desde a mais tenra infância, passar por um processo de intervenção educacional, que vai demonstrar que a cegueira não é um fator prejudicial para o desenvolvimento cognitivo se houver uma estimulação sensorial precoce.

Américo informa que os estudos da memória têm como preocupação central mapear como os sujeitos cegos desenvolvem habilidades para se locomoverem sozinhos e como a memória os auxilia nesta tarefa. Lamenta que poucos pesquisadores valorizem a escrita para o sujeito cego como instrumento de aquisição de conhecimento, e considera que a palavra escrita, além de ser veículo de transmissão de seu pensamento e de permitir estabelecer contato com o pensamento de outras pessoas, é o meio de expressar-se como ser humano e detentor de todos os direitos e deveres do cidadão.

Ochaita afirma que em pessoas cegas existem maiores problemas nos aspectos puramente representativos ou figurativos do que nos simbólicos e comunicativos. A defasagem entre o figurativo e o verbal será uma constante no desenvolvimento das pessoas sem visão, pois o tato somente permite conhecer os objetos próximos e o som não é um substituto ideal da visão. Resultados experimentais evidenciam como os cegos resolvem tarefas que se sustentam sobre a linguagem nas mesmas idades que os videntes e o desaparecimento das diferenças de rendimento pode significar que a linguagem ocupa um papel de primeira ordem no funcionamento cognitivo do cego. Ao discutir o conceito de representação mental do conhecimento sob a perspectiva do vidente, Ochaita afirma que a tendência é considerar que o conceito de imagem mental coincide com o da imagem visual. No entanto, essas imagens não têm por que serem as únicas. Todos têm representações baseadas em outras modalidades sensoriais, como a audição, o olfato ou a gustação enquanto a falta de visão afeta principalmente a movimentação no espaço físico. É fato que os

indivíduos privados da visão dispõem de uma ampla gama de possibilidades de perceber o mundo que os cerca, utilizando as modalidades sensoriais de que dispõem, mas a autora destaca a extraordinária importância que a linguagem e a informação escrita através da leitura têm para os cegos. Para a autora, isto pode fundamentar a hipótese de que muitas tarefas que os videntes resolvem de modo analógico sejam feitas pelos cegos através da mediação verbal.

Nuerberg mostra que na perspectiva histórico-cultural Vigotski propõe que se supere qualquer noção da pessoa com deficiência em referência ao pressuposto da normalidade. Interessa-lhe o estudo das vias alternativas de desenvolvimento humano na presença da deficiência e busca investigar o modo como o funcionamento psíquico se organiza na condição de deficiência. Inclina-se para a noção da diversidade humana e entende que o funcionamento psíquico das pessoas com deficiência obedece às mesmas leis de desenvolvimento das pessoas sem deficiência, embora com uma organização distinta. Postula que o biológico não pode ser separado do social e que as limitações secundárias são mediadas socialmente, remetendo ao fato de o universo cultural estar construído em função de um padrão de normalidade que, por sua vez, cria barreiras físicas, educacionais e atitudinais para a participação social e cultural da pessoa com deficiência.

Ao revisar as perspectivas teóricas de seu tempo sobre o desenvolvimento e educação de cegos, Vigotski nega a exclusividade da noção de compensação biológica do tato e da audição devido à cegueira e introduz o processo de compensação social, centrado na capacidade da linguagem de superar as limitações produzidas pela impossibilidade de acesso direto à experiência visual. Nuerberg esclarece que a compensação social consiste numa reação do sujeito diante da deficiência, no sentido de superar as limitações com base em instrumentos artificiais, como a mediação simbólica. O princípio de mediação semiótica do funcionamento psíquico sustenta que a partir da intersubjetividade o acesso à realidade se realiza por meio da significação e pela mediação do outro, que proporcionam o desenvolvimento psicológico e a formação de conceitos. O fato de elaborarem conceitos referentes à experiência visual por meio de analogias cria a necessidade de que o fundamento lógico da formação do pensamento por conceitos tome corpo em seu sistema psicológico. Isso não implica em desprezar o papel da experiência concreta na formação do psiquismo, mas em articular a experiência aos processos de significação. Esse objetivo seria alcançado através da mediação semiótica, em que a palavra promove a superação dos limites impostos pela cegueira, ao dar acesso a conceitos pautados pela experiência visual - tais

como cor, horizonte, nuvem, etc.- e a mediação social, que aponta para as possibilidades de apropriação da experiência social dos videntes.

O conhecimento deixa de ser mero produto dos órgãos sensoriais e passa a ser resultado de um processo de apropriação que se realiza nas/pelas relações sociais. Para Nuerberg valorizar suas experiências táteis, auditivas e cinestésicas é tão importante quanto proporcionar intervenções que favoreçam a formação de conceitos por meio dos processos de significação, promovendo assim o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. As experiências educacionais devem favorecer a autonomia e a cidadania das pessoas com deficiência para que, paralelamente aos avanços produzidos nas ciências biomédicas, sejam criadas as condições para a superação da deficiência no plano social. O desejo de Vigotski de ver desaparecer o fato da deficiência seria realizado com o oferecimento de condições de desenvolvimento e participação social destas pessoas, que passariam a ser reconhecidas por suas especificidades, e não por sua limitação.

Objetivos

O objetivo deste trabalho foi compreender como as pessoas privadas do sentido da visão percebem a luz e a cor, como se realiza a lembrança e a recordação, como sonham, como se processa sua apreensão do mundo através do uso de suas capacidades sensoriais e cognitivas, como se relacionam com seus pares e qual o papel dessa interação na sua constituição enquanto sujeitos que buscam sua autonomia, através da superação da deficiência. Este percurso se deu através de revisão bibliográfica e de realização de entrevistas. As entrevistas com cegos tiveram como propósito obter dados novos que corroborem, questionem ou acrescentem elementos às pesquisas sobre o tema da inclusão de pessoas com deficiência visual e colabore para sua maior inserção na sociedade, através de suas experiências educacionais e de aquisição de linguagens, que favoreçam sua autonomia e a conquista da cidadania.

Os depoentes são associados da Acide – Associação Conquistense de Integração dos Deficientes, entidade com 27 de existência que colabora para seu aprendizado e inserção social, com sede na cidade de Vitória da Conquista, Bahia. Como a bibliografia pesquisada não incluía a problematização do papel do sonho na constituição da subjetividade e na aquisição cognitiva, decidiu-se verificar como se manifesta o sonho e indagar como sonham e com o que sonham as pessoas com comprometimento visual, talvez uma abordagem inédita.

Métodos

Além da revisão bibliográfica, uma pesquisa empírica de campo através de entrevista com os associados da Acide foi considerada o procedimento mais adequado para buscar novas respostas a um tema já conhecido, inclusive por que o pesquisador tem um relacionamento de anos com a entidade e poderia obter informações confiáveis.

Os depoentes foram indicados por Fernando Couto, um de seus fundadores. Dos dez depoentes, apenas um é cego de nascença, nos demais a cegueira foi adquirida por doença ou trauma. A filmagem de entrevistas, com consentimento, se constituiu na forma primordial de obtenção de informações subsidiárias à revisão bibliográfica. Procedimentos realizados. Entrevista com os associados da Acide e gravação de suas declarações. Transcrição dos depoimentos e observação dos aspectos e temas mais enfatizados e as recorrências que surgem nos testemunhos. Revisão bibliográfica.

Resultados

A fenomenologia postula que a cor é uma qualidade do objeto, não uma propriedade da consciência e aponta uma lei da destruição visual: depois da perda das cores chega-se ao estado monocromático de cinza. Será a cor uma qualidade do objeto, ou um elemento da consciência? Será que todos percebem a cor cinza em sua vista? Ocorreu verificar a pertinência dessa observação e foi perguntado aos depoentes qual a cor que eles atualmente percebem. Fernando, antes de ficar cego, nunca enxergou com nitidez, mas nunca deixou de ter imagens. Vê uma coisa acinzentada, mas sem cor definida. Como cinza é uma cor que não lhe agrada, “um mundo acinzentado não é legal”, não fica pensando nessa noção de cor. Marcelo com 10% de visão enxerga a cor das placas dos ônibus, o que o ajuda a se locomover. Tiago vê tudo preto: “Sabe o preto de quando você está na escuridão, escuro, pois é! A princípio dá um medo, depois você se adapta a ele. No começo pra mim foi difícil, quando eu era pequeno quase entrei em depressão, mas fui me adaptando”. Arcanjo vê uma claridade, não dá para definir a cor, mas acha que está mais para preto e branco. Do cinza ele não tem a noção, mas lembra um pouco da tonalidade amarela, do vermelho, do azul e do branco e do preto, nada muito vivo. Carol hoje só consegue perceber se é dia ou noite, se a tela da TV está ligada, não consegue mais guardar fisionomias e reconhecer cores. Eliab só vê claridade, só tem a percepção da luz, não vê o vulto da pessoa que está ao seu lado. Silvaneide, com 7% de visão não consegue ver de longa distância, mas de pertinho vê

cores, imagens, e sente muita dificuldade em locais com muita claridade. Joilson nasceu cego e só vê vultos, só se lembra do preto e do branco, as únicas cores que consegue identificar. Joselito tem baixa visão e vê imagens, percebe a luminosidade e consegue ter percepção de cores.

Como o processo de lembrança e de memória ocorre com os depoentes?

Fernando, ao tentar reconstruir uma imagem da memória recorre ao período em que enxergava, mas essas imagens não são muito nítidas. Para Tiago as lembranças que tem são de seu pai, sua mãe e irmãos; tenta formar a imagem deles na cabeça, imaginar um jeito de percebê-los. Para Marcelo, com resquício de visão, as lembranças são coloridas, mas turvas. Arcanjo vai falando e lembrando da fazenda onde morava, dos coqueiros que tinha na frente, do gramado, do curral no lado esquerdo da casa. Tudo vai se formando com base na imaginação, pelo pensamento se forma a imagem ou voltam as imagens remanescentes. Para Carol o que a faz lembrar-se de sua sobrinha hoje é o cheirinho que ela tinha, o chorinho dela, as risadas. Herbert tem 10% de visão e diz que lembra-se de seu avô porque ele tocava pandeiro e gostava muito de cantar músicas de Nelson Gonçalves. Esqueceu o rosto dele, mas lembra da voz. Como consegue ver o rosto de seu tio Osvaldo e a família diz que seu avô é muito parecido com ele, associa com o rosto do tio Osvaldo e cria uma imagem de como seria seu avô. Eliab hoje é cego mas lembra-se de sua mãe da época em que enxergava, com baixa visão, quando tinha dezesseis anos. A imagem que tem dela hoje é a de antes, não a dos dias atuais. Não costuma trabalhar muito esse processo de lembrança, mas quando se lembra de alguém ou de algo é com aquela imagem do passado, não a de hoje. Joilson diz que tem um arquivo na memória. Como nasceu na zona rural, tem o cheiro das plantas, das frutas, dos lugares.

A problemática da memória e da lembrança remeteu ao sonho. No sonho Fernando consegue vivenciar as circunstâncias, tem clareza do que aconteceu, mas não recorda as imagens com nitidez. Sabe como as pessoas estavam vestidas, se tinha uma roupa que lhe chamou a atenção. Lembra-se que sonhou com um carro tem a noção do que aconteceu, se desceu do carro ou não. Vê como se fosse um negativo de fotografia: tem a silhueta das pessoas, a imagem é como que sombreada. Tiago sonha como se enxergasse, vê tudo no sonho. Tem uma noção de imagem, mesmo que não seja daquele jeito. Enxerga pela imaginação, é como se enxergasse normal. Arcanjo sonha com imagens imaginadas. Não sabe se são coloridas, acha que a imagem vai descorando, porque tem a imagem real e na imaginação voltam as imagens que tinha captado naquele período. Mas o tempo vai

passando e vai perdendo a nitidez. Às vezes ele nem imagina, talvez por um cansaço de estar sempre imaginando. Carol já sonhou dirigindo, abrindo o portão da garagem, ligando o carro, tirando da garagem, indo para a rua e fazendo o percurso que normalmente faz de ônibus. Ela estava lá, no sonho, loura, de óculos, num Focus vermelho, passeando pelas ruas de Conquista. Ia buscar o pai no escritório e dava para vislumbrar tudo, as árvores da praça Vitor Brito, o terminal de ônibus. Nos sonhos em geral consegue ver, através da imaginação. Herbert tem um resíduo visual e quando sonha geralmente não é cego, dirige, sai sem a bengala. Várias vezes sonhou dirigindo um Opala numa pista reta. Ele entrava no carro, ligava o Opala, ouvia aquele barulhão de motor seis cilindros, acelerava e saía normalmente. Eliab diz que consegue sonhar do mesmo jeito que os que enxergam, parece que nunca foi cego.

Já sonhou com sua mãe, vendo o rosto dela, justamente pelo fato de já ter visto. Consegue distinguir, mais ou menos, quem está no seu sonho, as imagens. Acha que quem nunca enxergou não tem como formar imagens. Joilson sonha conversando com pessoas, em algum lugar que já esteve antes, ou que imaginou um dia estar. Para Joselito vai acontecer no sonho o mesmo que acontece na realidade. Teve um sonho onde sua mãe estava presente, mas não conseguia perceber de fato como é o rosto dela, identificar todas as características. Sabia que era a sua mãe, por conta da voz. Às vezes quando sonha ouve vozes e sabe que cenário é aquele, embora não consiga enxergar de forma nítida as imagens sabe que aquele sonho está se passando na Acide, que quem está presente nesse sonho é fulano, beltrano, cicrano, pessoas que já conhece através da voz.

Memórias sensoriais e cinestesia. Além de uma memória visual, outros sentidos colaboram na percepção da realidade. Para Joselito as lembranças vão depender de como elas foram formadas. Se ela foi olfativa, sempre que sentir um cheiro, quando estiver com fome, é de uma comida que gosta. Seu cérebro faz uma comparação de sua sensação de fome com algo que experimentou em outro momento. Para Marcelo, a voz ajuda a identificar, a audição para ele é o que dá o norte. Joilson sabe se é uma casa em que já morou pelas lembranças, sabe como é aquele espaço, onde ele se localiza e tudo o mais. Fernando parece abarcar a cinestesia: se está lendo um livro sobre o mar imagina uma embarcação e o sentido do tato faz sentir o balanço. Se um filme é descrito ele vivencia mais, consegue obter mais percepção. Se está andando na rua fica com a audição mais destacada, se está em casa sua visão é o tato. Levanta da cama e tem as imagens mentais de onde está: saiu de seu quarto e em frente está o banheiro. Se desloca sempre com uma

imagem mental: vê o fogão, a pia, sem detalhes, mas se vê direcionando de um lugar para outro, enxergando aquele local para o qual está indo. Sempre é uma sucessão de percepções: uma imagem mental desse deslocamento, o som que auxilia esse deslocamento, o tato para ir sentindo onde está tocando. O tato é meio limitado, mas ajuda a perceber o caminho por onde está indo, se está subindo ou descendo. A audição dá a noção de onde está. O olfato também ajuda, dá para saber se está passando diante de um restaurante, uma peixaria ou um açougue.

Interação social e superação. Fernando considera muito interessante os membros do grupo conseguirem perceber o que o outro pensa, qual a concepção das coisas que o outro tem, como ele vivencia o dia-a-dia. Quando é uma pessoa que vem para a associação e tem uma convivência mais próxima com os outros associados, é comum se tocarem para perceber como é essa pessoa, mas o toque não é uma prática habitual com outras pessoas. Para Eliab é muito importante compartilhar experiências com outra pessoa que não enxerga. Diz que Fernando lhe ensinou muita coisa e que é importante passar o que se sabe para outras pessoas que tem deficiência, para que se sinta igual àquela pessoa. Considera que não tem uma limitação, que é a limitação que está limitada a ele, embora muitas pessoas com deficiência se põem pra baixo por não ter autonomia como fulano de tal. Conta que depois que perdeu a visão, tudo mudou, até mesmo o modo de usar um aparelho celular e o computador. Hoje digita com todos os dedos da mão, enquanto antes escrevia apenas com os dois indicadores. Depois que perdeu a visão evoluiu mais do que quando enxergava, são coisas que se tem com a autonomia, quando não se tem autonomia fica retraído. Diz que sua limitação está limitada aos seus olhos, mas todos os seus membros, todos os seus outros sentidos estão ativos e pode fazer o que quiser. Carol teve um tempo em que a imagem já não lhe era tão interessante, o tempo em que começou a ficar cega. Para ela sua vivência é a mesma e uma pessoa normal, porque não é uma pessoa anormal. A sua mente não tem eficiência, não acompanha os seus olhos, ela é maior. Conta que passou dois anos na hemodiálise e a sua mente foi o tempo todo evolutiva, nunca se deixou depreciar, se entregar ao problema. Às vezes chegava da clínica muito mal, mas no outro dia acordava e ia para a faculdade ou para a Acide. Reafirma que a mente não é deficiente, as pessoas é que tornam a mente fechada, que se limitam: “O que posso ou não posso é você quem faz. Minha mente não é cega, meus olhos são, mas minha mente não”. Usando o tato consegue transformar uma imagem numa sensação, numa textura. O que bonito para uns pela imagem, pode ser bonito para ela pela textura. Costuma chegar em qualquer lugar de Conquista pela audição,

sabe o barulho de cada rua, se é agitada ou não. Associa o olfato, o paladar, o tato e a audição e vai montando um quebra-cabeça com essas informações, construindo uma imagem. Joselito questiona por que as doenças o século 21 são psicossomáticas e responde que se a pessoa está doente da mente, com certeza vai estar doente do corpo. Mas pode estar doente do corpo e não da mente, porque a mente não está presa àquela situação. Diz que é cego e advogado, enquanto várias pessoas com corpo perfeito não fizeram nada com sua mente. Pondera que a dimensão religiosa traz a esperança como elemento fundamental na sua caminhada, que se a pessoa tem fé vai adiante porque acredita que o milagre acontece a partir do que ela tem. “Você é o próprio milagre. Para que ele aconteça só depende de você. Para que ele se manifeste você precisa ter o problema numa mão e a solução na outra, e procurar o encaixe perfeito”.

Conclusões

O estado monocromático de cinza postulado pela abordagem fenomenológica foi referendado por um depoimento, quem nunca enxergou via apenas em preto e branco e a noção de percepção de uma luminosidade prevaleceu nos depoimentos. O postulado de que a cor é uma qualidade do objeto foi contestada pelas declarações que indicaram serem as formas e as cores elementos da consciência de cada um. A afirmação da fenomenologia da memória de que há uma memória corporal onde estão inscritos os acontecimentos e os traumatismos do passado e de que as lembranças são momentos de recordação e de reconhecimento foi corroborada e se aproximou da noção da abordagem cognitiva, de que memória sensorial das pessoas cegas é a chave para a entrada do aprendizado e para o acesso ao conhecimento, uma vez que a captura das informações do contexto que nos rodeia se dá mediante nossas capacidades sensoriais. A abordagem cognitiva também postula que a memória é para o cego como os olhos são para o vidente, e que na ausência da memória visual como fonte de informação e de aprendizagem a memória auditiva assume a primazia. Os depoimentos referendaram estas proposições e mostraram que diferentes abordagens podem convergir para os mesmos postulados. Os cegos entrevistados demonstraram não ter problemas de ordem simbólica e comunicativa, fazem uso de tecnologias assistivas, utilizam suas habilidades sensoriais para se situar no mundo e percebem a linguagem como um processo cognitivo muito importante, assim como a leitura. Os depoentes mostraram que as mediações simbólicas e as interações sociais atuam como determinantes para a aquisição do conhecimento e que a linguagem confere à realidade uma existência simbólica, através de

conceitos e analogias, complementadas pelos órgãos sensoriais, que deixaram de ser o único canal de acesso à realidade. Estas observações encontram sustentação na perspectiva sócio-histórica, que introduziu o processo de compensação social para relativizar a compensação biológica, centrada nos sentidos.

Ao conferir primazia à capacidade da linguagem de superar as limitações, produzidas pela impossibilidade de acesso direto à experiência visual, esta orientação teórica almeja ver desaparecer a noção de deficiência como uma limitação e que estas pessoas sejam reconhecidas por suas especificidades, e não por sua limitação. Os depoentes indicaram enfaticamente esse processo de superação das limitações através da interação com seus pares, do fortalecimento da vontade e das determinações mentais, uma vez que a deficiência está apenas no corpo e não na mente. Consideraram que as pessoas é que limitam a mente, uma vez que a mente não está presa àquela situação. No sonho, imagens imaginadas ganham vida e fazem parecer que nunca foram cegos, para uns. Para outros, se no sonho encontram dificuldades em perceber as imagens, indicam ter clareza no conceito, no que ocorreu. Alguns tem dificuldade de imaginar o cenário, mas vozes de conhecidos atuam como fator de reconhecimento e contribuem para indicar o local em que o sonho se passa. Parece que as palavra chave na conformação dos sonhos, das lembranças e da memória são imaginação e imagens mentais, ver através da imaginação, ver através de analogias, de conceitos, e de sua experiência social. Os depoentes se entusiasmaram mais em falar dos sonhos do que das lembranças, talvez porque nos sonhos eles podem realizar seu grande sonho: voltar a enxergar, mesmo que seja pela imaginação, mesmo que seja através de imagens lembradas ou imaginadas.

Referências

AMÉRICO, Solange Maria. Memória auditiva e desempenho em escrita de deficientes visuais. www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=vtls000271563

ENTREVISTAS com associados da ACIDE – Associação Conquistense de Integração do Deficiente. Novembro de 2016. Arcanjo Rocha, Carol Quaresma, Eliab Amaral, Fernando Couto, Herbert Ferraz, Joilson Bastos, Joselito Sousa, Marcelo Bahiano, Sivaneide Barreto, Tiago Santos.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, SP, 1981

NUERNBERG, Adriano Henrique. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, abr./jun. 2008.

OCHAITA, Esperanza e ROSA, A. Percepção, ação e reconhecimento nas crianças cegas. <http://www.diversidadeemcena.net/artigo03.htm>

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. Acessado 13/10/2015. http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia.